

FAZENDO TEOLOGIA NA SALA DE AULA DO MUNDO¹

1. CONSULTA GLOBAL SOBRE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA ECUMÊNICA aconteceu durante uma reunião patrocinada pelo Conselho Mundial das Igrejas que foi realizada em Oslo, Noruega, no dias 5 a 10 de Agosto de 1996. Nossa professora estava presente.

Enquanto alguns sonham com a globalização da economia, a abertura dos mercados e a pulverização das utopias nacionais... surgem pelo mundo afora fundamentalismos, nacionalismos e xenofobias. O mundo da economia sem fronteira não se entende com os sentimentos generalizados no primeiro mundo contra os milhões de imigrantes escorraçados pela miséria de seus países. A dança das etnias do sul para o norte, do leste para o oeste vai varrendo a suposta lógica reguladora do mercado com suas ondas de desemprego, violência e fanatismo.

A economia neo-liberal faz da competitividade seu critério máximo...condenando à exclusão quem não corresponde à suas margens de eficiência e de lucro. A tecnologia de ponta potencializa a produção expulsando milhões de homens e mulheres do mundo do trabalho enquanto se assiste por todo o mundo ao crescimento de uma economia informal, sem direitos, sem futuro. Solidariedade e esperança passam a ser artigos exóticos e desnecessários num processo social global que exige competência e competição

É o fim do mundo? Não! É só o mundo... o nosso: o único que temos para viver.

O que significa fazer teologia num contexto de globalização e exclusão? qual é a tarefa da teologia cristã? de que modo os processos de formação teológica são afetados por esta nova conjuntura? quais as crises e desafios que nos alcançam na sala de aula e nos cursos? e que alternativas a educação teológica tem a oferecer num mundo dividido?

A reunião na Noruega, organizada pelo programa de Educação Teológica Ecumênica do Conselho Mundial de Igrejas(CMI) tratou de pensar a educação teológica nesses tempos. Mais do que isso, a reunião se perguntava pela viabilidade de uma Educação Teológica Ecumênica: *“quando as igrejas*

priorizarem as necessidades do mundo, suas dores e sofrimentos, os denominacionalismos se relativizarão e o compromisso ecumênico será fortalecido".²

2. Documento de Preparação ao encontro pelo Regional da África

1. MAIS DO QUE PEDIR PERDÃO, MAIS DO QUE AUTO-CRÍTICA...CONVERTER-SE!

A primeira tarefa seria a de avaliar de modo profundo e sistemático, crítico e humilde a participação direta do cristianismo na conformação das conjunturas e dos conflitos atuais. Não há como nos des-responsabilizar diante do quadro de exclusão e violência que varre grande maioria das populações. Sempre estivemos por aqui e ali, quase como bagagem moral e cultural dos modelos civilizatórios hegemônicos que vêm emoldurando os processos econômicos e sociais do nosso tempo. Em alguns continentes mais..., em outros menos..., mas o cristianismo, de um modo ou de outro, colocou-se e acostumou-se a ser reserva ideológica mundial. Em especial na história da América Latina, da África e da Ásia, constituídos como *os outros* a serem missionados e educados na fé verdadeira, o cristianismo, por complexos mecanismos de troca de poder e de legitimação, acabou confundindo-se com o modelo civilizatório a ponto de não podermos mais isolar nossos preceitos éticos e nossa catequese do que se conhece como cultura ocidental.

De modo especial a educação teológica teve um papel importante nas trocas de poder e na legitimação social e política com os processos políticos e educacionais nacionais e continentais. A formação do clero sempre foi um lugar de poder importante que sempre mereceu prioridade por parte das missões e das igrejas: formava-se o clero como uma estufa de escolhidos que poderiam reproduzir de modo controlável e adequado as prioridades, costumes e preceitos da matriz. Faz pouco tempo que convivemos com teologias cristãs nascidas nos continentes e culturas, capazes de organizar com autonomia e criatividade seus processos de formação tanto do clero como do laicato. Mesmo assim, os processos educativos regionais e inculturados herdaram dívidas epistemológicas e metodológicas impagáveis, difíceis de serem superadas uma vez que ainda se convive com os parâmetros de uma teologia cristã centralizada nos moldes educacionais e administrativos das matrizes de primeiro mundo.

Nem mesmo um suposto processo de secularização das sociedades ocidentais fragilizou as trocas entre cristianismo e modelo hegemônico civilizatório: privatizou-se a religião e seus espaços sem alterar, contudo, os privilégios e regalias institu-

cionais. Complica-se a situação para o cristianismo em sociedades majoritariamente não-cristãs; em muitas dessas situações o cristianismo se supõe superior e ético frente aos fundamentalismos e violências das religiões outras, sem que se reconheça a real participação das muitas missões e evangelismos cristãos na conformação de muitos dos conflitos étnicos, religiosos, políticos e econômicos que cortam diversas regiões do mundo.

O desafio de pensar e propor uma Educação Teológica Ecumênica implica num movimento profundo de auto-crítica do que vem sendo feito até agora; auto-crítica que não se esgota num processo rápido de revisão da história e pedidos de perdão apressados por equívocos seculares das práticas missionárias e educacionais... auto-crítica com a coragem de rever e, até mesmo, se preciso, superar epistemológica e metodologicamente o modo de fazer e ensinar teologia.

A discussão sobre novos paradigmas e sobre inculturação da teologia é parte dessa auto-crítica necessária que não pode se esgotar em remendos e ajustes de mediações e categorias ou na justaposição de sujeitos sociais. Trata-se do desafio de rever a teologia e seus compromissos, seus modelos cristológicos e eclesiológicos perguntando pelas implicações e comprometimentos ideológicos com os sistemas sócio-político-econômico-ideológicos dos quais fazemos parte.

Nesse sentido, o ecumenismo deixa de ser uma possibilidade para se tornar um imperativo do Evangelho. Ecumenismo que não se reduz à justaposição das lideranças eclesiásticas ou à aproximação de rituais e sistemas dogmáticos, mas ecumenismo como forma de se entender no mundo. Ecumenismo como atitude fundamental de ser cristão no mundo reconhecendo as violências que já foram perpetradas sobre culturas, religiões, povos e línguas em nome da fidelidade ao Evangelho de Jesus.

Repensar a educação teológica considerando a tensão e a ambigüidade que vivemos entre Tradição Recebida e Tradição Imposta, considerando o conflito entre nosso modelo de monoteísmo triunfante e supostamente hegemônico e a multiplicidade religiosa e sincrética e plural dos muitos deuses e deusas dos povos no meio dos quais queremos viver nosso cristianismo.

A primeira tarefa, então, seria esta: compreender o ecumenismo como um imperativo e como paradigma fundamental de se pensar a teologia e o processo de formação teológica em todas as suas áreas e disciplinas, atingindo também nossos modelos de formação ministerial. Conceber a educação teológica como tarefa ecumênica; ter o ecumenismo como uma paradigma de se estudar a história, de se aproximar das fontes

e tradições, de viver os sacramentos, articular as pastorais, rever os sistemas... celebrar a fé.

2. MANIFESTAÇÕES CONCRETAS DA REFLEXÃO DE OSLO

A seguir, apresento alguns destaques das principais apresentações e discussões que foram feitas durante a reunião:

2.1. A importância de uma visão ecumênica para a educação teológica e para a formação ministerial

Konrad Raiser, atual secretário executivo do Conselho Mundial das Igrejas, apontou para a ambigüidade e fragilidade que algumas noções tradicionais, como: *unidade da igreja, missão da igreja e serviço ao mundo*, enfrentam hoje e a necessidade de se buscar a renovação de conceitos e de práticas que possam também motivar e convocar as novas gerações. O grande desafio seria repensar a relação entre *unidade e diversidade*, assim como as relações entre *experiência local e experiência global* de modo a se superarem os movimentos crescentes de fragmentação, exclusão e individualismo. Raiser destaca a importância de:

- a) *competência pastoral ou de liderança* como expressão da capacidade de gerar poder nas comunidades e não de controlá-lo de forma burocrática, afirmando a autonomia e a criatividade da comunidade como um todo, na integração dos ministérios ordenados e laicos; capacidade pastoral para mediar conflitos, exercitar o ministério de reconciliação onde a sobrevivência institucional e a observância cega das regras e das tradições não podem ser a prioridade.
- b) *competência teológica* entendida não somente em termos acadêmicos, mas como a habilidade de expressar, criar condições para a expressão das experiências religiosas e os *insights* da fé das comunidades em relação de respeito e comunhão com expressões de outras comunidades de fé.
- c) *competência missionária* como encorajamento das comunidades cristãs a se abrirem para as necessidades da sociedade onde vivem a fé, o que exige a habilidade de analisar e responder aos desafios de cura e integridade, justiça e reconciliação dos grupos sociais.
- d) *competência ecumênica* que seria a habilidade de apreciar e entender a diversidade das tradições cristãs e de outras religiões, não com temor, mas como possibilidade de um enriquecimento comum.

2.2. “Credibilidade” na Tradição da igreja, o imperativo ecumênico e os programas de formação

Megan Walker, leiga católica e doutoranda em teologia da Universidade de Natal, África do Sul, apontou para a dificuldade de se tratar conjuntamente sobre ecumenismo e tradição. As diversas e distintas tradições cristãs têm sido a motivação para divisão e exclusão dentro do cristianismo e ecumenismo muitas vezes entendido como fragilização da fidelidade à tradição.

Algum consenso existe na formulação que aponta para a existência de uma *Tradição* que reuniria o essencial da mensagem cristã, e *tradições* que seriam as expressões das diferentes confissões em realidades concretas. Citando Yves Congar, *tradições* seriam os costumes, os ritos, os métodos e os detalhes que dariam forma a uma expressão particular da fé cristã, funcionando como uma linguagem cultural. Por outro lado, *Tradição* seria o princípio de toda a economia da salvação testemunhada na Bíblia, na Liturgia e nos ensinamentos dos Pais e do Magistério da Igreja mas que precederia e ultrapassaria os textos e as fórmulas.

Megan pergunta então: *a Tradição de quem?* reconhecendo que, para muitos povos e culturas, assim como também para as mulheres, a Tradição apresentada ao longo da história tem sido a expressão do poder patriarcal e hierocrático, ocidental e branco. Neste sentido a Tradição não foi recebida...mas imposta, uma vez que se confundia com os mecanismos de poder que silenciavam e excluía. O que muitas vezes se chama como *Tradição Recebida* não se baseia necessariamente na história da igreja (uma vez que muitas tradições antigas foram esquecidas ou superadas a partir de certas necessidades), nem na universalidade da igreja (como pode uma Tradição ser universal se, pelo menos metade da humanidade não participou de sua formulação?) muito menos no consenso (a suposta aceitação da Tradição muitas vezes deu-se por meio de coerção e violência).

A teóloga aponta então para a necessidade de se dar atenção aos silêncios, lacunas e descontinuidades na proclamação da Palavra e da Tradição cristã respondendo aos desafios das vozes excluídas dos discursos oficiais, sendo sensíveis às relações entre Palavra e Poder. Como recuperar o sentido de Tradição como horizonte comum de se avaliar a instituição, seus textos, suas práticas e seu processo histórico. A Tradição não existe nela mesma...mas só pode ser Vida se é efetivamente recebida e acolhida por aqueles e por aquelas que se sentem convidados à vida de comunidade cristã. Sendo assim, a Tradição pode ser entendida como um processo de superação de antigos preconceitos e abertura para novas verdades, onde a comunidade se faz sujeito ativo da revelação.

O desafio seria então o de formar teólogos e teólogas que, recebendo a Tradição e vivendo-a em meio às tradições, sejam capazes de fazer silêncio para ouvirem as vozes dos que não têm sido ouvidos, criando condições para a participação *fraterna e igualitária em especial por parte de quem não controla os discursos e regras institucionais.*

2.3. Formação do laicato na e para a comunidade

Dorothy McRae-McMahon, pastora da Igreja Unida da Austrália, apresentou a discussão sobre a formação teológica ecumênica dos leigos e leigas como uma exigência fundamental e prioritária para a renovação da vida das igrejas. Afirmar a importância da formação teológica do laicato exige uma nova percepção do ministério ordenado uma vez que a teologia deixa de ser um privilégio do clero para ser uma tarefa partilhada por todo o corpo de Cristo.

Dorothy aponta para modelos dominantes da relação clero-leigo que desvalorizam e despersonalizam tanto um quanto o outro: o ministro como *chefe* dos leigos; *pastor* das ovelhas; o *servo* que lava os pés; o *responsável* pela palavra e pelo sacramento. Todos estes modelos colocam a formação teológica como exercício e tarefa exclusiva do clero, ficando só leigos como participantes das catequeses, estudos e reflexões sem a possibilidade de assumir uma reflexão teológica autônoma e comunitária.

A primeira questão a ser considerada é a atual des-informação e de-formação do laicato numa avaliação corajosa dos processos educativos que acontecem nas diversas igrejas. Esta avaliação deve considerar também os processos informais que acabam informando e formando teologicamente os leigos e leigas. A partir daí, num esforço conjunto de planejamento e execução, o laicato deve participar ativamente de seu próprio processo de formação.

Tal processo de formação deve ser traduzido também num acesso mais participativo e criativo da vida litúrgica, administrativa e pastoral por parte do laicato na vida das igrejas. A divisão entre vida secular e vida religiosa deve ser superada de modo a propiciar ao laicato um instrumental de reflexão e ação que incorpore o mundo do trabalho, o mundo familiar e coletivo, político e social.

O desafio de uma formação teológica ecumênica dos leigos e leigas é fundamental para uma vivência eclesial de reconciliação em sociedades marcadas por conflitos de todas as espécies de modo que a adesão à uma comunidade de fé não tenha o significado de manutenção das divisões e conflitos. Leigos e leigas com formação teológica ecumênica poderão expressar, com criatividade e respeito, seus modelos de evangelização e missão.

3. CONCLUSÃO: UMA AGENDA COMUM

A reunião não tinha caráter deliberativo nem pretendia aparar todas as arestas e dificuldades buscando um consenso a qualquer preço. O objetivo da reunião era o de juntar pessoas envolvidas em diversos níveis da educação teológica para que fizessem um exercício ecumênico de ouvir as diferenças, se deixassem sensibilizar pelo diferente e procurassem alternativas e possibilidades de trabalho e reflexão conjuntas de modo a responder aos desafios e conflitos do mundo atual.

O texto final do encontro diz:

“Existe um consenso entre nós sobre o caráter holístico da educação teológica e da formação ministerial, que estão baseadas na celebração que combina e relaciona espiritualidade com excelência acadêmica, missão e evangelismo, justiça e paz, sensibilidade e competência pastoral e formação do caráter. Para tanto, é preciso educar:

os ouvidos para ouvir a Palavra de Deus e o clamor dos Povos de Deus;

o coração para acolher e responder aos que sofrem;

a língua para falar tanto ao fraco como ao arrogante;

as mãos para trabalhar com os diminuídos;

a mente para refletir as boas novas do Evangelho;

o desejo para responder ao chamado de Deus;

o espírito para esperar em Deus na oração,

para lutar e lutar com Deus,

para fazer silêncio em penitência e humildade e

para interceder pela igreja e pelo mundo;

o corpo para que seja templo do Espírito Santo”.

Agradeço a oportunidade de participar deste encontro que me foi dada pelo Grupo de Estudos de Teologia Feminista Mandrágora, do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior, de São Bernardo do Campo, SP, como também o apoio do ITESP (Instituto Teológico São Paulo) e do Instituto Pio XI. Tenho tido a alegria de estudar e ensinar teologia fazendo ecumenismo. Obrigada.

*Nancy Cardoso Pereira
Professora de Exegese Bíblica
Instituto Teológico São Paulo e
Instituto Metodista de Ensino Superior*